

Primeiro satélite brasileiro começa a ser acoplado ao foguete lançador

Arquivo

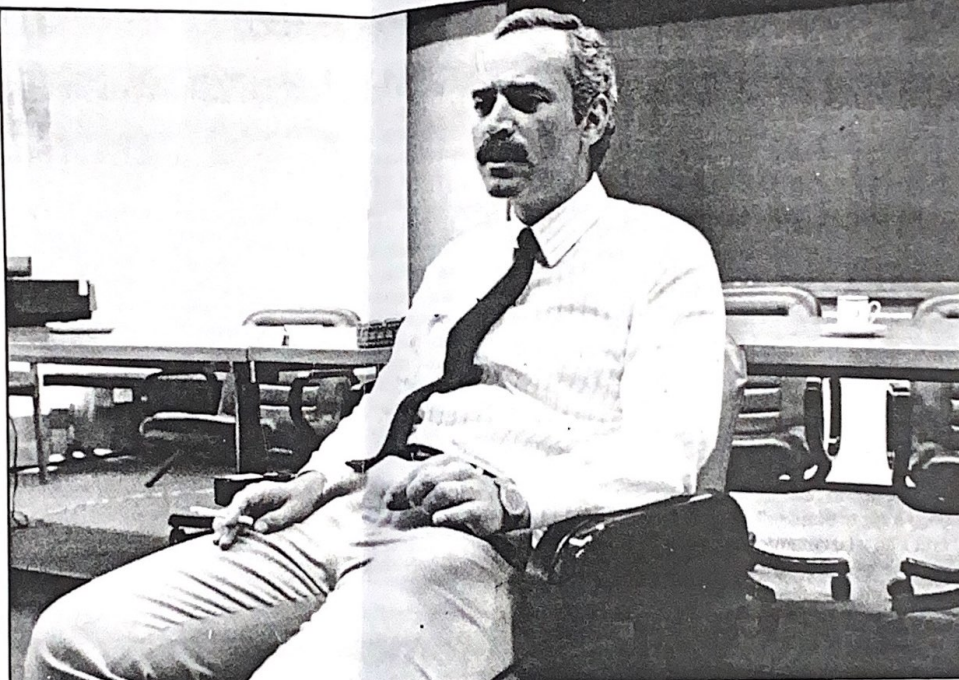
Liana John (AE)

DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

O primeiro satélite brasileiro começou ontem a ser acoplado ao foguete lançador Pegasus, em Cabo Kennedy, na Flórida, EUA. O lançamento será dia 12 de dezembro, às 13h30 (10h30 em Brasília), salvo problemas de última hora. Uma comitiva liderada pelo ministro da Ciência e Tecnologia, Israel Vargas, e pelo diretor do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), Márcio Nogueira Barbosa, vai assistir ao lançamento em Wallops, Virgínia, do centro de controle da Nasa, a agência espacial americana. As imagens serão transmitidas ao vivo pela Radiobrás e pelo Serviço de Imprensa da embaixada americana, USIS.

Apelidado de SCD1, o primeiro satélite brasileiro servirá para a coleta de dados enviados por plataformas terrestres. As plataformas são pequenas caixas semelhantes às instaladas em estações meteorológicas, dotadas de sensores e medidores especiais. São protegidas de chuvas, sol e vento e, por isso, podem ser instaladas em pontos remotos, onde seria difícil manter uma pessoa para anotar os dados obtidos. Quando o satélite passa sobre as plataformas, um sistema de transmissão em tempo real envia os dados para o satélite, que os retransmite para a antena do Inpe em Cuiabá. Uma segunda antena — instalada há apenas um mês — funcionará como centro de controle de reserva em Alcântara no Maranhão.

A órbita do SCD1 foi planejada para coletar dados em qualquer ponto do território nacional e abrange até um pedaço da Argentina. Girando a 750 quilômetros de altitude, o satélite tem capacidade para coletar dados simultâneos de 250 plataformas, durante um ano, pelo menos. Depois de um ano é possível que alguns de seus com-



O diretor-geral do Inpe, Márcio Nogueira Barbosa, acompanhará o lançamento do SCD 1 no centro de controle da Nasa (EUA)

ponentes sofram desgaste, devido ao atrito com partículas no espaço, e passem a apresentar defeito. Por isso, já está sendo montado o segundo satélite brasileiro de coleta de dados, o SCD2, que deverá estar pronto para lançamento em meados de 1993.

“Os primeiros satélites deveriam apenas dar oportunidade ao Brasil de desenvolver tecnologia e capacitar recursos humanos para competir no mercado espacial, mas, dada a criticidade das questões ambientais, já atribuímos ao SCD1 a tarefa de coletar dados para estudos oceanográficos, atmosféricos e florestais”, explica Márcio Barbosa, do Inpe. Segundo ele, desde a construção do Laboratório de Integração e Testes, LII até a esco-

lha do foguete lançador americano, todas as negociações envolvendo serviços de agências espaciais estrangeiras exigiam contrapartidas em treinamento e absorção de tecnologia. Isto é, tudo o que não pode ser fabricado no Brasil foi comprado com a condição de pesquisadores brasileiros serem recebidos para treinamento. Até mesmo nesta fase de lançamento, 18 pesquisadores e técnicos brasileiros estão acompanhando a integração do SCD1 ao foguete.

“Somos o 17º país do mundo a lançar um satélite, provamos nossa capacitação tecnológica e esperamos sensibilizar a sociedade brasileira e o Congresso Nacional para a necessidade de retomada de investimento em Ciências e Tecno-

logia”, acrescenta Barbosa. “Durante o governo Collor operamos com a metade dos recursos a que estávamos acostumados a trabalhar”, continua o diretor do Inpe. O custo total do SCD1 foi de US\$ 20 milhões (Cr\$ 187,3 bilhões pelo câmbio comercial), sem contar o lançamento, no valor de US\$ 12 milhões (Cr\$ 112,4 bilhões). A infra-estrutura de terra, para construção, testes e acompanhamento do satélite em órbita custou outros US\$ 130 milhões (Cr\$ 121 bilhões), consumidos nos dez últimos anos. O investimento em infra-estrutura beneficiará a construção de outros satélites a um custo mais baixo. O SCD2, por exemplo, custará cerca de US\$ 13 milhões (Cr\$ 12 bilhões), 35% a menos do que o SCD1.